

INCENTIVADO, REINCIDIU...

ES aqui, diante de meus olhos, o segundo livro de Othon Moacyr Garcia — sugiro-lhe o abandono do *Moacyr*, para um nome literário menos extenso — sobre "Luz e Fogo no lirismo de Gonçalves Dias", um volume de 100 páginas, publicado pela Livraria S. José, do "mercador de livros" Carlos Ribeiro, na sua coleção "Ensaio". Como fizera com a poesia de Carlos Drummond de Andrade, aplica a Gonçalves Dias, ou melhor, à sua poesia lírica, a análise estilística, procurando ver o que há de constante, de permanente, de típico vocabularmente na sua linguagem literária.

O que caracteriza o Othon é o velho traço de humildade e de modéstia. Ao contrário de tanto intelectual enfatuado, narcisista de seus talentos e de suas excepcionais qualidades de escritor, o Othon tranqüiliza o leitor desde a primeira página, dando-lhe conta do que pretende fazer, restringindo até a importância da sua pesquisa e do seu ensaio. Aqui e ali sente-se a autocrítica excessiva freando-lhe o ímpeto criador e interpretativo. E é pena, porque nada impede que possa pertencer a um mesmo ensaísta a análise puramente estilística da linguagem literária e a tentativa de interpretação psicológica, sociológica, filosófica ou simplesmente humana do autor do texto analisado. Apesar de compreender bem a necessidade desse tipo de pesquisa, muito temo pelo que possa significar de estático ou mesmo de estagnante, num sentido pejorativo de simples estatística vocabular, como quem faz o recenseamento policial de uma obra de arte. Aqui, como já havia acontecido na sociologia e nas ciências sociais em geral, há sempre o perigo da falsa interpretação das quantidades matemáticas, neutras, inexpressivas, verdadeiras palhas secas, sem o correspondente e necessário quadro individual e social de quem as produziu.

O "new criticism" surgiu como uma reação ao cientificismo crítico do século passado e grande parte deste. Exagerou-se a predominância dos dados empíricos da pessoa do criador e das condições que o cercaram no momento da sua realização. Ficou relegada para um plano secundário a obra em si, como um todo acabado e inteiramente independente de quem a produziu. Era preciso fazer literatura em cima do que era literatura, e não mais psicologia, sociologia, ética, religião, e muitas vezes até anatomia e fisiologia... Mas, repito, temo que a simples análise vocabular fique no meio do caminho, da palavra pela palavra, numa espécie de torre de marfim verbal, à maneira de uma classificação de material, de uma seleção rigorosa, tipo holerite, abandonando-se a tarefa sem concluí-la, como quem escolhe pedras e tijolos para uma construção e os deixa ao relento sem a serventia imediata indispensável.

Ninguém mais indicado para esta complementação do que o próprio Othon Garcia, embora nos dê, logo de início, a distinção entre crítica e análise literária: "Não é novidade: a frequência com que certos temas e modismos estilísticos ocorrem na obra dos escritores pode permitir algumas conclusões que levem à melhor compreensão do processo poético, pois a crítica, no sentido de apreciação global da obra de arte, não deve prescindir de estudos prévios, de pesquisa, análise e interpretação de aspectos parciais. Não obstante, análise, interpretação e crítica literária são termos empregados indiscriminadamente nessa desvirtuada nomenclatura dos estudos lingüísticos e estilísticos. Mas alguns autores modernos estabelecem diferenças que julgamos oportuno adotar aqui nesta tentativa de ensaio, ensaio que não é de crítica literária no sentido mais amplo, porque se restringe à análise e à interpretação de aspectos temáticos da poesia lírico-amorosa e lírico-descritiva de Gonçalves Dias".

E o próprio Othon, conhecedor profundo do instrumento de que se utiliza, vê bem os perigos a que aludimos inicialmente, e escreve: "É certo que a análise estilística, quando marginada pelo estreitismo estatístico e enumerativo, redundando em apreciação falsa, estéril e enfadonha". "Neste caso, não é análise nem interpretação, é simples recenseamento".

Ninguém até hoje — e Gonçalves Dias tem sido objeto de um sem-número de estudos — penetrou a poesia do autor da *Canção do Exílio* pela análise que dele faz Othon Garcia, através de seus cacótes lingüísticos, das suas palavras catalisadoras, da sua vocação de maripôsa, consumindo-se sempre, extasiado diante da luz e do calor. Sai-se do livro do Othon com uma impressão de que Gonçalves Dias foi um sensorial, vivendo pelos sentidos e principalmente pela visão, olhando mais para fora do que para dentro de si, por isso mesmo com pouquíssima contribuição filosófica. Mais um retratista do que um intérprete, mais um admirativo do que um analista.

Livro de pesquisa, de meditação, fruto de uma atitude serena, equidistante do fanatismo e da ojeriza, tornou-se indispensável para qualquer ensaio posterior sobre Gonçalves Dias, pelas veredas que abre, pelas sugestões que apresenta — rápidas, às vezes, mas sempre marcantes — e sobretudo pela honestidade artesanal de propósitos, tão ao arrepio dos hábitos de grande parte dos intelectuais brasileiros, afeitos a vôo de poleiro.